

VILÉM FLUSSER

Considerações em torno dos termos alemaes "auseinander" e "zusammen".

Palavras corriqueiras que nae encontram tradução orgânica para outra língua são geralmente sinais de uma tendencia fundamental da língua na qual ocorrem. É o caso dos dois termos alemaes que formam o tema deste trabalho. Proponho a defesa de duas teses: A primeira diz respeito à função dos dois termos sob estudo no pensamento filosófico alemao, e, por tradução, no pensamento filosófico do Ocidente. A segunda tem a ver com o pensamento eslavo que se prepara a participar da conversação ocidental de maneira poderosa.

Quando confrontados com palavras de uma língua que nae a nossa, recorreremos, via de regra, a um dicionário para elucidá-las. No presente caso esse recurso resultará em confusão, por melhor que seja o dicionário consultado. Trata-se, com efeito, de palavras que são produtos da tendencia aglutinativa da língua alema, tendencia esta que é estranha à língua portuguesa. A palavra "auseinander", cuja tradução lexica será provavelmente "separado" ou "debandar!" é uma colagem de tres palavras. "Aus" significa "de" no sentido de "de dentro para fóra". Mas "aus" tem um segundo significado, a saber "findo", "acabado". "Ein" significa "um", e tem o segundo significado de "de fóra para dentro". "Ander" significa "outro". "Auseinander" como colagem significa portanto, muito aproximadamente "de-um-para-outro". A função principal dessa palavra dentro da estrutura da língua é a de prefixo. Nessa função ela é traduzível para o grego, (essa língua tao estranhamente congenital ao alemao), por "ana-" ou "dia-". Por exemplo: a palavra "auseinandersetzen", que é traduzida por "expôr", significa "pôr-(eu)-situar-(ou)-fixar-de-um-para-outro". "Analisar" ou "dialogar" seriam traduções melhores. As línguas eslavas dispõem de um prefixo "roz-" que é um "auseinander" radicalizado. O leitor brasileiro conhece este prefixo do nome "Razkólnikov" de Dostoievsky. A palavra tcheca "rozum", que é traduzida por "razão", significa "ana- (ou dia)- arte", a arte da análise e do diálogo portanto.

A palavra "zusammen" tem algo a ver com "juntar" e a tradução proposta pelos dicionários será provavelmente "junto". A palavra "zu" significa "a" no sentido de "para" ou "de fóra para dentro". A palavra "-sammen" que existe como termo independente somente em outras formas, significa "integração" e "coleção" e "gesamt" significa "totalidade". Mas a palavra "zu" tem ainda o segundo significado de "fechado", e, neste sentido, "findo". De modo que, se fórmos a traduzir a palavra "zusammen", chegamos, curiosamente, ao mesmo resultado da tradução da palavra "auseinander", a saber "de-um-para-outro". Entretanto em alemao são termos contraditórios, e como tais são usados como prefixos. O prefixo "zusammen-" encontra tradução em grego por "syn-", uma tradução quase perfeita. Por exemplo: a palavra "zusammensetzen" que é traduzida por "compôr", significa "pôr-(ou)-situar-(ou)-fixar-de-um-para-outro", mas "sintetizar" é a

### VILÉM FLUSSER

tradução mais adequada. As línguas eslavas dispõem de um prefixo "s-" que é um "zusammen" radicalizado. O leitor brasileiro conhece este prefixo da palavra "seiuz", primeira palavra do título oficial da União Soviética, traduzida portanto por "união", embora signifique "syn-ligamento". Algo de significado deste "sa" pode ser captado, se considerarmos as palavras tchecas "spolebnost" e "spolek". A palavra "pul" significa "metade". "Spolek", que é traduzido por "grupo", significa portanto "syn-metadinha", e "spolebnost", que é traduzido por "sociedade", significa "syn-metadicidade". O "s-" tcheco, como o "zusammen-" alemão, (embora o tcheco mais radicalmente que o alemão), significam a superação de uma divisão, um focalizar de tendências divergentes.

Mais uma rápida consideração da palavra "-sammen". É bem conhecida nessa na língua inglesa. "Same" é traduzido "por "idêntico" ou "próprio" e "sameness" é "identidade". O prefixo grego "homo-", que provém da mesma raiz etimológica, é muito próximo do significado inglês, o que borra um pouco a tradução por "syn" que foi proposta há pouco. O equivalente de "same" e "homo-" em eslavo é "sám", que significa "idêntico" e "mesmo", mas também "único", "só" e "espontâneo", isto é "não causado". O leitor brasileiro conhece essa palavra como prefixo da palavra "samovar", isto é "aquilo que ferve automaticamente". A melhor tradução desse "sám" seria talvez o alemão "selbst" ou o latim "ipse", já que "selbst" e "ipse" traduzem também o "same" inglês em certos casos.

Todo este argumento um tanto laborioso foi conduzido para provar um fato muito simples: a língua portuguesa é incapaz de captar o significado das palavras corriqueiras "auseinander" e "zusammen", a não ser por caminhos tortuosos. A circunstância curiosa de terem resultado os dois termos contraditórios em tradução idêntica o demonstra de maneira patente. Essa distância que separa o pensamento português do alemão é, a meu ver, fundamental e deve ser sorvida a fundo por aqueles que se empenham em prol de uma filosofia autenticamente brasileira. Desprezarei, neste trabalho, todos os múltiplos aspectos que os termos "auseinander" e "zusammen" provocaram na filosofia alemã, e concentrarei os meus esforços sobre um único aspecto, para demonstrar minha tese. Este único aspecto será o termo "Verfall", tão importante para a compreensão do pensamento existencial alemão, termo esse traduzido por "decadência" e, inferindo, por "inautenticidade". Tentarei demonstrar como esse termo implica os termos "auseinander" e "zusammen", e como uma filosofia autenticamente brasileira deve libertar-se deste termo, para ser ela mesma.

"Verfall" é, como sabemos, uma forma de existir, a saber a forma na qual o existir, (o "estar-aquí"), cai inautenticamente rumo à morte. "Fallen" significa "cair", e o prefixo "ver-" significa "des-" no sentido de aniquilamento e falsidade. A minha tese é que o termo "verfallen" implica os termos "auseinanderfallen" e "zusammenfallen". Ambos estes termos são traduzidos para o português por "ruir", e a existência em "Verfall" como existência em ruína. Mas

### VILÉM FLUSSER

ficou demonstrada a contradição existente entre os dois prefixos desses termos, e "ruir" não é, portanto, uma tradução suficiente. "Auseinanderfallen" significa "cair-de-um-para-outro" num sentido excentrico, de dentro para fóra. "Zusammenfallen" significa "cair-de-um-para-outro" num sentido concentrico, de fóra para dentro. A imagem que o primeiro termo evoca é a de um desmembramento de um organismo, e a imagem que o segundo termo evoca é a de um colapso de uma estrutura. Sugiro portanto "desmembramento" e "deseestruturação" como traduções desses dois termos. Dadas estas traduções, passo a considerar a função do termo "Verfall" (decadência) no conjunto do pensamento existencial alemão, e, por tradução problemática, do Ocidente.

A vida corriqueira, com suas preocupações mesquinhas, sua conversa fiada e suas sensações baratas, representa um convite tentador, porque promete fazer esquecer-me que vou morrer, e me tira, nesse esquecimento, e peso da responsabilidade por minhas decisões irrevogáveis. Se cedo a essa tentação, se me deixo prender pelos tentáculos desse pelipa chamado "a gente", a minha inquietação íntima ante a morte e ante as responsabilidades que ela acareta se acalma. Com efeito, o redemoinho das atividades corriqueiras entorpece a minha consciência e evita que me dê conta daquilo que sou e daquilo para o que tendo. Torno-me estranho a mim mesmo, "alieno-me" (entfremden) de mi mesmo, decaio. Para esquecer a minha morte, identifico-me com a "gente". "Caio-de-um-para-outro" = "ich falle auseinander". A decadência como alienação, como abandono das responsabilidades impostas pela minha morte, é um desmembramento da existência, é uma excentricidade. Mas essa minha identificação com a "gente" transforma a minha vida numa massa informe de instantes sem significado. Libertei-me da necessidade de tomar decisões, mas, justamente por isto, um tédio gigantesco me invade. Nesse clima não há possibilidade de uma comunicação autêntica, não há um "outro" autêntico, tudo a meu redor é "gente", e eu próprio sou "gente". Com efeito, a minha identificação com a "gente" é, neste sentido inautêntico, um abandono de comunicação, um "ensimesmamento". A conversa fiada que deravante substitui a conversação é, no fundo, a experiência vivencial do meu isolamento. Nessa conversa fiada caio em mi mesmo, mas esse eu-mesmo já não é autêntico, já é um outro, porque estou alienado de mim mesmo. Portanto "caio-de-um-para-outro" = "ich falle zusammen". A decadência como perda de comunicação, como abandono da conversação, é um colapso, uma desestruturação da existência, é uma concentricidade. O prefixo "Ver-" do termo "Verfall" denota tanto o prefixo "auseinander" como o prefixo "zusammen", e o conceito "decadência (Verfall)" no pensamento alemão vibra com a tensão dialéctica do "auseinanderfallen" (desmembramento) e "zusammenfallen" (colapso). Sómente depois de considerações como estas pode o conceito alemão ser existencialmente servido por um intelecto informado pela língua portuguesa.

É curioso observar as vicissitudes que este pensamento sofre ao ser traduzido

## VILÉM FLUSSER

para a língua francesa, e uma análise paciente de Sartre ou de Camus por exemplo revelaria, (disto estou convencido), que a originalidade desses pensadores reside justamente neste seu esforço de traduzir Heidegger e Jaspers para a sua língua. Os termos franceses nunca correspondem aos alemães, e evocam outras associações vivenciais, outras realidades. Não cabe, neste trabalho, a discussão desses termos, e dou, de passagem, e somente para exemplificar, dois termos sartrianos ligados ao termo "decadência", a saber "salaud" e "s'engluer", (aproximadamente "porcalhao" e "ficar colado em massa pegajosa"). Quero dirigir a atenção do leitor para uma tentativa de traduzir o pensamento existencial alemão para o português, a saber para Vicente Ferreira da Silva. A relação que unia esse pensador à língua alemã, (quase diria o amor infeliz que ele nutria por ela), era baseada sobre o seu conhecimento da língua erudita e seu desconhecimento do humor conversacional da língua. A consequência disto pode ser observada no seu uso do termo "decadência" na análise da nossa situação por ele empreendida. Para Vicente Ferreira da Silva a nossa sociedade é decadente, porque explicitou quase totalmente as possibilidades contidas em seu projeto. Deravante não terá mais assunto e mergulhará no tédio absoluto, que será "o fim do mundo". Daí o pessimismo desesperado de Vicente Ferreira da Silva, e daí o seu empenho igualmente desesperado em prol de uma sustação do projeto. Mas embora autenticamente vivida essa análise da nossa situação, é ela fruto de traduções erradas. O "projeto" ferreiriano é exatamente o contrário do "Entwurf", do qual se diz tradução, porque o "projeto" ferreiriano é o destino inexorável, e o "Entwurf" é um virar-se contra o destino que nos jogou para cá, é um "des-jeto". E a "decadência" ferreiriana nada tem a ver com o "Verfall", do qual se diz tradução, porque a "decadência" ferreiriana, longe de ser uma forma inautêntica do existir, é a forma do existir que nos é imposta pelo nosso projeto. Que o desespero ferreiriano é autêntico, disto não duvido por um instante. Que o seu pensamento é muito mais original que ele próprio suspeitava, creio ter provado nessas poucas frases. Mas o que me intriga é a pergunta: como teria pensado Vicente Ferreira da Silva se tivesse lido Heidegger com conhecimentos da língua alemã mais imediatos? O movimento do pensamento ferreiriano tem, para mim, duas fases. Uma é o choque que ele sofreu ao colidir com aquilo que considerava ser a "nossa realidade". A segunda é a sua conversação com pensadores como Heidegger e Schelling. Ferreira da Silva é, para mim, o maior filósofo brasileiro, porque não se limitava a conversar com as "fontes" (segunda fase), mas conversava consigo mesmo (primeira fase). A tradução errada que informava a sua segunda fase imprime o seu estampo sobre todo o pensamento ferreiriano e desvirtua, até certo ponto, a sua primeira fase. Como teria ele formulado a angústia e o nojo que o invadiam ao contemplar a nossa situ-

**VILÉM FLUSSER**  
ação, sem esse desvirtuamento? E teria ele chegado às mesmas conclusões desesperadas? Estas <sup>perguntas</sup> ~~respostas~~ ficaram sem resposta. Mas o exemplo que ele oferece deve servir-nos de ensinamento. A meu ver, esse ensinamento diz o seguinte: Os grandes pensadores que formam a tradição filosófica do Ocidente são produtos e produtores das línguas nas quais formulam o seu pensamento. Serão nossos mestres somente se conseguirmos assimilar o seu pensamento no seu próprio contexto, a saber nas suas línguas. E serão frutíferos e férteis para o nosso próprio pensamento, (que é informado pela língua portuguesa), somente se conseguirmos incorporá-los dentro da própria estrutura da nossa língua. Não adianta traduzi-los, no sentido corriqueiro do termo "tradução", é preciso servê-los de forma portuguesa. A tradução no sentido corriqueiro, longe de ser um incentivo para o pensamento autêntico, pode ser um impedimento. Tornará secos, acadêmicos e inautênticos os nossos próprios esforços. Ferreira da Silva escapou desse perigo, impedido como era pelo seu desespero. Mas escapou por um triz, e nisso reside a sua grandeza. O convite para a contemplação desse perigo é um dos motivos deste trabalho.

Volte para o meu tema propriamente dito. A língua alemã, com sua tendência aglutinativa, e com seus termos largamente independentes do latim, irrompeu à superfície da discussão filosófica somente no fim do século 18. Exceções como Meister Eckhart provam a regra. A riqueza e a fertilidade (e também o perigo) da filosofia alemã é produto do esforço de reformular o pensamento latino e grego em estrutura nova. O mesmo fenômeno se deu, de outra forma, quando surgiu a filosofia inglesa. A filosofia francesa, espanhola e italiana não passou por essa irrupção, porque essas línguas são demasiadamente próximas do latim para poder destacar-se da tradição estabelecida. Mas existe um manancial de línguas ocidentais que ainda não se manifestaram filosoficamente da maneira dramática na qual o inglês e o alemão o fizeram. São as línguas eslavas. Nos últimos 200 anos essas línguas produziram grandes poetas, e poetas são a "conditio sine qua non" da filosofia. Um filósofo pode ser poeta, como Platão ou Bergson, mas não pode haver filosofia sem poesia. Expuz as razões dessa minha afirmativa em outro lugar, e o espaço não me permite que me aprofunde nelas agora. As línguas eslavas já produziram os seus poetas. Lermontov, Puškin, Mácha e Bezruč são exemplos suficientes. Mas quanto à filosofia como formulação de pensamentos autênticos, isto é, pensamentos inspirados na própria língua, não me parecem terem sido férteis as conversações eslavas. Herzen, por exemplo, não passa de um tradutor de Hegel, no sentido pejorativo do termo "tradutor", e Plechanov e Lenin de tradutores de Marx e de Engels. Soloviev e Berdiaiev são, a meu ver, tentativas frustradas de articular pensamentos russos, embora com Soloviev comece a articular-se aquela tendência para o misticismo terreno que caracteriza

**VILÉM FLUSSER**  
as línguas eslavas. A filosofia polonesa parece ciente desse problema, porque centraliza os seus esforços em redor de questões lógico-linguísticas, como Twardowski e Tarski. Mas continua, a meu ver, preza de formalismo. Um fenómeno interessantíssimo é o tcheco Komenský (1592-1670) que procura na tradução ("Janua linguarum reserrata") o caminho para a filosofia. Era uma voz clamando no deserto. Outra figura isolada era Masaryk, cujo "engagement" politico frustrou as tendencias filosóficas nele dormentes. A irrupção das línguas eslavas na cena da filosofia será portanto acompanhada de uma revolução no nosso pensamento, em tudo comparável ao aparecimento de um Locke e Berkeley, de um Kant e um Hegel. A breve discussao dos prefixos "roz-" e "s-" ilustra o que tenho em mente. Emigrante da conversação eslava, e imigrante na conversação portuguesa, sinto duplamente a dramaticidade do momento filosófico que presenciamos.

As considerações dos dois termos que aparecem no título deste trabalho conduziram longe o meu pensamento. Alguns dirão: demasiado longe. Peço desculpas se fiz o leitor paciente acompanhar o vôo da minha imaginação para a região insólita do futuro. Mas afinal, o futuro não passa de um movimento do nosso pensamento. E no nosso peito que estão as estrelas do nosso destino (In deiner Brust sind deines Schicksals Sterne). Se consegui transmitir um pouco do meu entusiasmo à nova geração que se prepara para instituir uma filosofia autenticamente brasileira, esse entusiasmo não será totalmente infundado. Assim, e sómente assim, (formulando novas realidades), conseguiremos quebrar aquele pessimismo desesperado, no qual mergulham pensadores tão profundos como Vicente Ferreira da Silva, ao contemplar a situação na qual nos encontramos. Creio que seremos continuadores de sua obra, e verdadeiros parceiros da conversação que ele inaugurou, em nossas tentativas de refuta-lo. A tentativa de refutar Ferreira da Silva num dos seus aspectos, que me parece ser fundamental, estava dedicado este trabalho.